**Dr. David Turner,
Palestra de Mateus – 1B – Introdução a Mateus II: Temas Principais**

Saudações e bem-vindos à aula 1B, Introdução a Mateus 2, os principais temas de Mateus. Aqui é David Turner, e espero que vocês tenham sobrevivido à última aula. Não foi fácil de ouvir, com muitos detalhes que tendem a ser meio chatos.

Esse é o tipo de palestra que eu recomendo que você ouça repetidamente , especialmente se tiver problemas de insônia. Garanto que vai curar. Espero que você ache a Palestra 1B um pouco mais do seu agrado. Estamos passando de algumas das perguntas praticamente sem resposta sobre o conhecimento exato das origens históricas de Mateus para os principais temas que observamos ao ler este evangelho.

É difícil selecionar e resumir os principais temas deste evangelho em uma breve palestra de cerca de 25 minutos, mas vamos tentar, e acreditamos que os seguintes são realmente cruciais e você precisa estar com os ouvidos preparados para ouvi-los à medida que prossegue com esta aula. Um ponto que é claramente crucial para Mateus é a relação de Jesus com o Antigo Testamento. O uso generalizado do Antigo Testamento por Mateus é uma das principais razões pelas quais a orientação judaica deste evangelho é notada por tantos intérpretes.

De fato, a prevalência dessa intertextualidade põe em questão a própria noção de um chamado Antigo Testamento na teologia de Mateus. Se Mateus disse que Jesus não veio para abolir, mas para cumprir a lei e os profetas, 517, é duvidoso que Mateus concebesse as escrituras judaicas como antigas, pelo menos no sentido conotativo, como antiquadas, ultrapassadas ou pitorescas. Em vez disso, Mateus via tanto os padrões históricos quanto os oráculos proféticos da Bíblia Hebraica como repletos de significado supremo por meio do ministério e dos ensinamentos de Jesus.

Além das numerosas alusões informais, que são muito difíceis de contar, há cerca de 50 citações formais. Quando falamos da diferença entre alusões e citações, pense por um momento na diferença entre o capítulo 1 e o capítulo 2. Na genealogia, do capítulo 1 até o versículo 17, não há citações diretas de nenhum versículo da Bíblia Hebraica, mas todo o texto está permeado de alusões à Bíblia Hebraica, o Antigo Testamento. Portanto, as alusões são muito difíceis de contar.

Citações formais são mais fáceis, e há cerca de 50 delas neste evangelho; nós as listamos para você em seus materiais suplementares. Você deve acompanhar a partir da página 5 com o esboço da sua aula. E agora veja as páginas 6 e 7, onde resumimos as citações específicas do Antigo Testamento em Mateus.

Observe na coluna da esquerda a letra M entre parênteses, para muitos deles, às vezes, J, e outros. Na coluna do meio, observe o asterisco, o sinal numérico ali. Esses símbolos são explicados no final da página 7. Eles têm a ver com quem exatamente, na narrativa, estava se referindo ao Antigo Testamento e como ele estava sendo citado.

Portanto, essas 50 citações formais podem ser categorizadas de várias maneiras, como por fórmula introdutória, como a frase "para que se cumpra", ou a frase "que está escrito". Ou pelo orador, seja algo que o próprio Jesus é citado dizendo, seja algo que o próprio Mateus acrescenta como um comentário editorial, etc. O comentário, ou seja, a aula, tratará de cada uma das citações de Mateus do Antigo Testamento individualmente.

Há um resumo conveniente disso aqui nas páginas 6 e 7 das suas anotações. E espero que você tenha a oportunidade de consultar isso mais tarde . Assim, partindo do uso característico que Mateus faz do Antigo Testamento, passamos para a cristologia de Mateus.

A cristologia de Mateus depende, é claro, de sua compreensão do Antigo Testamento. De fato, ela se baseia no Antigo Testamento, que talvez nem seja chamado de Antigo Testamento. Talvez a Bíblia Hebraica seja melhor.

Mas Mateus obtém sua visão de Jesus examinando o Antigo Testamento à luz de Jesus, e Jesus à luz do Antigo Testamento. Mateus usa o Antigo Testamento para demonstrar aos seus leitores que a pessoa, o ministério e os ensinamentos de Jesus estão enraizados na história, na ética e nas profecias das Escrituras de Israel. Os seguintes títulos ou descrições principais de Jesus são apresentados aqui na ordem em que você os encontra no Evangelho de Mateus.

Alguns estudos adicionais sobre isso seriam o livro de France, Jesus no Antigo Testamento, publicado em 1989. O primeiro título que encontramos em Mateus para descrever Jesus é que ele é de fato o Messias, ou, em português, o Cristo. Jesus é chamado de Messias desde o primeiro versículo de Mateus, no final da genealogia e no início da descrição das circunstâncias de seu nascimento em 118.

Este conjunto de referências a Jesus como o Messias o vincula fortemente à história e às esperanças de Israel. É certamente a chave para a identidade de Jesus em Mateus. Um Messias é literalmente alguém ungido por Deus para um serviço ou ofício especial.

Veja no Antigo Testamento, por exemplo, 1 Samuel 9:15 , 10:1, 16:3, versículos 12 e 13 do capítulo 16. Observe também Êxodo 28, versículo 41, 1 Crônicas 29:22, Isaías 45:1 e muitas outras passagens. Mais significativamente para Mateus, o termo ocorre como um título real em alguns textos do Antigo Testamento, como 1 Samuel 24:6, 2 Samuel 1:14 e Salmo 2:2. Mas a noção cristã de um Messias humilde, sofredor e, por fim, crucificado era evidentemente estranha ao judaísmo da época de Jesus.

Até João Batista tinha dúvidas sobre Jesus ser o Messias, Mateus 11, versículos 2 e 3. Mas, por meio de revelação divina, Pedro foi capaz de afirmá-lo veementemente, no capítulo 16, versículo 16. Naquela época, em 1620, os discípulos foram instruídos a não contar aos outros que Jesus era o Messias, evidentemente para evitar a crescente oposição ao ministério de Jesus. Outro conjunto de referências que enfatizam Jesus como o Messias ocorre na descrição de Mateus da Semana Santa em Jerusalém.

Os confrontos de Jesus com os líderes judeus culminam em um episódio que enfatiza as conexões davídico-messiânicas de Jesus, capítulo 22, versículo 41. Ao contrastar sua própria visão de espiritualidade com a dos líderes judeus, Jesus afirma que ninguém, exceto o Messias, deveria ser chamado de Mestre em 2310. Em sua resposta à pergunta dos discípulos sobre os sinais de seu retorno, Jesus os adverte a não acreditarem em falsos Messias (capítulo 24, versículos 23 a 26).

Em sua audiência perante o conselho judaico, a resposta afirmativa de Jesus à pergunta do sumo sacerdote sobre se ele era o Messias usa a linguagem de Daniel 7:13. Isso está em 2663. Mas esta citação de Daniel 7, versículo 13, só leva à zombaria em 2668.

Mais tarde, Pilatos faz alusão ao fato de que Jesus foi chamado de Messias por alguns quando se oferece para libertar Barrabás no capítulo 27, versículos 17 e 22. É claro que, em Mateus, o Messias é crucificado, mas ele é ressuscitado e recebe toda a autoridade, 2819, uma alusão a Daniel 7, versículos 13 e 14, que lembra o uso que Jesus fez da linguagem daquele texto em 2664. É esse Messias exaltado que envia os discípulos para discipular as nações.

Talvez a chave para a visão distinta de Mateus sobre Jesus como Messias seja a ligação entre Messias e Filho de Deus em duas passagens-chave, 1616 e 2664. Isso será discutido a seguir, ou um pouco mais adiante, sob o título Filho de Deus. Em seguida, Jesus como Filho de Davi.

Este título ocorre com mais frequência em Mateus do que nos outros Evangelhos. Mateus identifica Jesus como o Filho de Davi imediatamente após identificá-lo como o Messias em 1.1, e Mateus rapidamente estabelece e enfatiza a linhagem davídica de Jesus na narrativa da infância. Veja o capítulo 1, versículos 6, 17 e 20.

Usos subsequentes do título Filho de Deus ocorrem nos lábios de todos aqueles que clamam a Jesus para curá-los, como em 9:27, 15:22, 20:30 e 31. Em outra ocasião, uma cura leva a multidão a se perguntar se Jesus é o Filho de Davi , o Messias, 12:23. Aqui, um termo parece ser equivalente ao outro.

Esses textos, que conectam a linhagem davídica de Jesus com a cura, demonstram que Jesus usa sua autoridade real para ajudar, não para oprimir os necessitados. Na entrada triunfal de Jesus em 21.9, a multidão grita louvores a Deus por Jesus, o Filho de Davi, ecoando a linguagem do Salmo 118, versículos 25 e 26. Mais tarde naquele dia, a aceitação desse louvor por Jesus torna-se a ocasião para a indignação dos líderes judeus contra ele, 21.15. Quando o conflito entre Jesus e os líderes judeus se intensifica durante a Semana Santa, a disputa final de Jesus com esses líderes é colocada em termos da identidade do Messias como Filho de Davi, 22.41-45. Aqui, Jesus cita o Salmo 110, versículo 1, para afirmar que o filho de Davi também é Senhor de Davi, afirmando que o Filho de Davi também é Filho de Deus.

O uso do tema do Filho de Davi por Mateus enfatiza as credenciais messiânicas de Jesus para curar e governar. Essa ênfase parece estar enraizada em textos do Antigo Testamento como 2 Samuel 7:14 e seguintes, Salmo 2, Salmo 89, Isaías 9, versículos 6 e 7, 11:1 e seguintes, e Jeremias 23, versículos 5 e 6. Jesus, como o Messias davídico, herda as promessas que Deus fez a Davi e traz o governo de Deus sobre Israel. Um terceiro título cristológico: Filho de Abraão.

O título de Jesus, Filho de Abraão, ocorre imediatamente após sua identificação como o Messias, o Filho de Davi, em 1:1. Em si, o título evidentemente não tem implicações messiânicas. A genealogia subsequente enfatiza a linhagem abraâmica de Jesus no capítulo 1, versículos 2 e 17, não apenas para mostrar as raízes judaicas de Jesus, mas para retratá-lo como aquele que culmina os planos de Deus, que se originaram em Abraão. Deve-se também notar as advertências de João Batista de que os fariseus e saduceus que vieram ao seu batismo não deveriam confiar em suas origens abraâmicas, 3:9. Para João, o arrependimento, e não a descendência de Abraão, era necessário para evitar o julgamento vindouro, 3:8-10. Este tema é reforçado pela resposta de Jesus à fé notável do oficial romano em 8:10-12. Gentios como este oficial, não judeus como aqueles líderes que foram a João, compartilhariam do grande banquete escatológico com Abraão, Isaque e Jacó.

Mais uma vez, a questão é a ética, e não a etnia. Não é que Mateus estivesse excluindo os judeus como um todo das bênçãos escatológicas de Deus, mas sim enfatizando a necessidade de todos os humanos, judeus e gentios, crerem em Jesus. As menções de Mateus a Abraão nos lembram do chamado de Deus a Abraão, da promessa de que em Abraão todas as nações seriam abençoadas em Gênesis 12, e do quase sacrifício do único filho de Abraão, Isaque, em Gênesis 22.

Evidentemente, a promessa a Abraão não se cumpriria totalmente no mundo atual, pois Jesus interpretou essa promessa como uma implicação de que haveria uma ressurreição dos mortos no capítulo 22, versículo 32. Compare com Êxodo 3:6. Um quarto título de Jesus é Emanuel. O significado de Jesus como Deus conosco é desenvolvido pela citação de Isaías 7:14 no capítulo 1, versículo 23.

Compare também Isaías 8:8 e 10. Esta passagem crucial ocupa um lugar de destaque na teologia cristã do nascimento virginal, ou melhor, da concepção virginal de Jesus. A descrição final de Mateus da promessa de Jesus de estar com os discípulos até o fim dos tempos forma uma inclusão literária , ou às vezes chamada de inclusão, com Isaías 1:23, na qual a presença de Deus na pessoa de Jesus é enfatizada tanto no início quanto no fim da narrativa, formando uma espécie de suporte para todo o livro.

Outro exemplo desse tema de Jesus estar com os discípulos está no capítulo 18, versículo 20, onde ele promete estar com eles durante a séria questão da disciplina na igreja. Um quinto título de Jesus é que ele é o rei. A chegada dos magos em Mateus 2 em busca do recém-nascido rei de Israel dá início a uma história de conflito entre o verdadeiro governante de Deus e o maligno pretendente Herodes.

Mateus entende a entrada triunfal de Jesus em Jerusalém, perto do fim de sua vida, como o ato de um rei, visto que cita Isaías 62:11 para esse efeito. A predição de Jesus sobre o julgamento futuro o retrata como o filho do homem entronizado, capítulo 25, versículo 31, um rei que separa os abençoados dos amaldiçoados, 25:34, 40 e 41. Em sua audiência perante Pilatos, Jesus aceita a pergunta de Pilatos como uma declaração verdadeira de sua realeza, 27:11. Então, ele suporta o uso zombeteiro do título pelos soldados, 27:29, e a referência evidentemente sarcástica de Pilatos a ele na placa colocada sobre sua cabeça na cruz, 27:37. Até mesmo os líderes judeus zombam da realeza de Jesus, 27:42. Mas, após sua ressurreição, ele recebe toda a autoridade e envia seus apóstolos ao mundo como seu rei exaltado, 28:18. Compare 26:64 em Daniel 7:13 e 14.

Um sexto termo para Jesus, e talvez o mais importante no evangelho, é filho de Deus. Alguns argumentariam que filho de Deus é o título preeminente de Jesus em Mateus, Jack Kingsbury, por exemplo. Com textos do Antigo Testamento como Salmo 27 e 89:27 como provável pano de fundo, Mateus apresenta Jesus como o filho concebido virginalmente que significa singularmente a presença de Deus com seu povo, 1.23. Compare com Isaías 7.14. A permanência de Jesus no Egito recapitula a história de Israel, 2.15. Veja Oséias 11.1. Em seu batismo, Jesus é endossado como o filho amado do Pai e é dotado do espírito para o ministério, 3.17. Compare com Isaías 42:1. Mas logo Satanás questiona essa endossação quando Jesus é levado pelo espírito ao deserto e questionado por Satanás se ele é verdadeiramente o filho de Deus.

Ao confiar nas escrituras, Jesus é capacitado a derrotar Satanás e recapitula vitoriosamente as peregrinações de Israel pelo deserto, 4:3 e 5. Ele não sucumbe à tentação de manifestar sua filiação única por meio de atos espetaculares. Em vez disso, mostra que a filiação divina é demonstrada pela submissão à vontade do Pai. A filiação divina de Jesus também é demonstrada em Mateus por meio de sua autoridade sobre os espíritos malignos e o clima, 8:29 e 14:33. Essa autoridade é compartilhada apenas pelo Pai e pelo Filho, que é o único agente por meio do qual as pessoas podem conhecer o Pai, 11:27 . Isso é reconhecido pelos apóstolos de Jesus que, por meio de Pedro, reconhecem que ele é o Messias, o Filho do Deus vivo, em 16:16. Essa ligação dos títulos Messias e Filho de Deus é bastante significativa, embora Pedro ainda tenha muito a aprender sobre a filiação divina como submissão ao Pai, 16:22, 14:23. Logo depois, a transfiguração de Jesus demonstra aos seus discípulos que, como filho de Deus, somente sua palavra deve ser ouvida.

À medida que o conflito de Jesus com os líderes judeus se agrava, Mateus retrata, por meio de imagens parabólicas, a rejeição do Filho único de Deus pelos líderes judeus, 21:33 e seguintes, 22:2 e seguintes. Ao final de suas disputas, a alusão de Jesus ao Salmo 110.1 indicou, para seu desgosto, que sua filiação era tanto davídica quanto divina, 22:45. Em seu julgamento perante o sumo sacerdote, Caifás pergunta a Jesus se ele é o Messias, o Filho de Deus, ecoando, ironicamente, o testemunho de Pedro, 26:63. Compare com 16:16. A resposta de Jesus a Caifás cita ameaçadoramente as palavras de Daniel 7.13 sobre a vinda do Filho do Homem. A ironia continua na crucificação de Jesus, onde a zombaria dos criminosos e dos líderes judeus contrasta com a confissão dos soldados romanos.

Tanto os escarnecedores quanto os confessores se referem à afirmação de Jesus de ser o Filho de Deus, 27:40, 43 e 54. Outro título para Jesus em Mateus é o termo " Senhor". O uso desse título por Mateus para Jesus ocorre no contexto do uso do termo na época greco-romana, variando de uma saudação educada a um superior humano, algo como o nosso termo "Senhor", a um termo para o imperador romano que era considerado divino.

O termo ocorre cerca de 6.000 vezes na Septuaginta, a tradução grega do Antigo Testamento, como uma tradução do hebraico Yod-Heh-Vav-Heh — Yahveh, às vezes pronunciado Jeová. Para os judeus, este é o sagrado Tetragrama , o nome de Deus que não será pronunciado. Quando leem isso na Bíblia hebraica, eles simplesmente dizem Adonai, a palavra para Senhor, ou dizem Hashem, o nome, que não será pronunciado.

Mateus não hesita em aplicar o termo Senhor, kurios , a Jesus. Mateus 3.3 cita Isaías 40:3, aplicando a Jesus uma passagem que originalmente se referia a Adonai, Yod-Heh-Vav-Heh. Em Mateus 7:21 e 22, comparados a 25:37 e 44, Jesus é chamado de Senhor em sua capacidade de juiz escatológico.

Frequentemente, aqueles que deveriam ser curados se referem a Jesus como Senhor. Você pode encontrar essas passagens; há muitas delas, e os discípulos frequentemente se referem a ele como Senhor. Confira isso também na concordância.

Às vezes, Jesus se autodenomina Senhor, como quando adverte seus discípulos de que, se ele, seu Senhor, for chamado de Príncipe dos Demônios, será pior para eles, seus servos. Capítulo 10, versículos 24 e 25. Jesus expressa sua autoridade sobre a lei do sábado referindo-se a si mesmo como Senhor do sábado em 12:8. Ele se descreve como Senhor quando envia os discípulos para buscarem uma jumenta e seu jumentinho para a entrada triunfal, instruindo-os a dizer aos opositores que o Senhor precisa deles em 21 :3. Ele descreve seu retorno como uma vinda do Senhor, capítulo 24, versículo 42.

A ambiguidade deste termo significa que devemos analisar cada um dos seus usos em contexto. Às vezes, ele carrega conotações contextuais da divindade de Jesus, enquanto outras vezes é apenas uma maneira respeitosa de se dirigir a Jesus. Outro termo para Jesus em Mateus é o termo "mestre".

Em Mateus, os discípulos nunca o chamam de mestre. Em vez disso, esse termo é quase sempre reservado para aqueles que não creem nele, como os mestres da lei, os fariseus, os cobradores de impostos, os partidários de Herodes e os saduceus, se dirigirem a Jesus. Muitas passagens, como 8:19, 9:11, 12:38, 17:24, 19:16 e 22:16, mencionam Jesus. Em três ocasiões, Jesus se autodenomina mestre: 10:24, 25, 23:8 e 26:18. Portanto, deve-se notar que, para Mateus, não há nada necessariamente sinistro no uso do termo.

Mas para Mateus, Jesus é muito mais do que apenas um mestre. Portanto, aqueles que o chamam assim são considerados culpados no contexto de, se me permitem a expressão, condenar Jesus com elogios fracos. Um termo crucial para Jesus em Mateus é o termo "filho do homem".

Os Evangelhos usam essa expressão mais do que qualquer outra para se referir a Jesus, e ela é encontrada, com apenas uma exceção, João 12:34, em ditos atribuídos a Jesus. A expressão é encontrada mais de 100 vezes no Antigo Testamento, mais de 90 vezes somente em Ezequiel. Ela frequentemente descreve a humanidade frágil e finita em contraste com o Deus grandioso.

Frequentemente ocorre em paralelismo sinônimo com o termo homem, como em Números 23:19 e Salmo 8:4. É um termo usado em Ezequiel quando Deus se dirige a ele. Compare com Daniel 8:17. Mateus usa o termo "filho do homem" 30 vezes, mas com três nuances principais. Primeiro, "filho do homem" ocorre em passagens que enfatizam o sofrimento e a humildade de Jesus.

Como filho do homem, ele não tem onde reclinar a cabeça, 8:20. Ele é chamado de bêbado e glutão, 11:19. Ele estará no coração da terra por três dias e três noites, 12:40. Enquanto estiver na terra, as pessoas o consideram apenas um profeta, 16:13-14, e a história de sua gloriosa transfiguração só será contada após sua ressurreição, 17:9. Ele será maltratado e sofrerá como João Batista, 17:12, chegando até a ser traído por um companheiro próximo, 17:22, 20:18, 26:2, 26:24 e 45. Apesar desse tratamento, ele servirá aos outros e dará sua vida em resgate por muitos, 20:28. O contexto do Antigo Testamento para esse termo pode ser as muitas passagens que o usam para descrever a humanidade em geral e um profeta em particular. Em segundo lugar, a palavra "filho do homem" aparece em certas passagens que enfatizam o poder e a autoridade presentes de Jesus. Assim, ele tem autoridade na Terra para perdoar os pecados dos paralíticos e os cura para demonstrar essa autoridade em 9.6. Como filho do homem, ele é senhor do sábado, 12.8, mas sua autoridade é tão controversa que ele é caluniado por seus inimigos, 12.32. Seu ministério planta a semente da mensagem autoritária do reino, 13.37. Em terceiro lugar, o termo ocorre em passagens que se concentram em Jesus como o glorioso rei vindouro.

Ele enviará seus anjos para remover os pecadores de seu reino, 13.41, quando vier na glória de seu pai para julgar todos os povos, 16.27.28, 24.27, 30.37.39, 25.31, 26.64. No momento de seu glorioso reino, seus seguidores também serão abundantemente recompensados, 19.28, mas devem primeiro estar em constante alerta para seu retorno inesperado, 24.44. O pano de fundo para o segundo e terceiro usos do termo para enfatizar a autoridade presente e o retorno glorioso de Jesus é, sem dúvida, Daniel 7:13, ao qual Jesus alude em 26.64. O contexto de Daniel 7:13 envolve uma cena de julgamento em que Deus, retratado como o ancião de dias, entrega o governo da Terra ao filho do homem, que, com seu povo, prevalece sobre seus inimigos e governa a Terra. Há também nuances de Daniel 7:13 e 14 na linguagem da Grande Comissão, de 28:18 a 20. Essa dualidade de nuances presentes e futuras, envolvendo tanto a autoridade exercida por Jesus durante seu ministério terreno quanto a autoridade gloriosa que ele exercerá em seu retorno, é crucial para a compreensão do reino dos céus de Mateus.

Há títulos adicionais para Jesus e Mateus, mas devemos deixá-los de lado por enquanto e passar para o termo específico de Mateus, o reino dos céus. Embora Mateus fale do reino de Deus ocasionalmente (12:28, 19:24, 21:31 e 43), seu termo singular, reino dos céus, ocorre 32 vezes. Alguns intérpretes tentam distinguir entre as expressões reino de Deus e reino dos céus, mas isso é insustentável por pelo menos dois motivos.

Em primeiro lugar, uma comparação de textos sinóticos paralelos indica que Mateus frequentemente usa a expressão "reino dos céus" quando Marcos ou Lucas usam a expressão "reino de Deus". Para entender isso, compare Marcos (com licença), compare Mateus 13:31 com Marcos 4:30, Mateus 19:14 com Marcos 10:15 e Lucas 18:17. Em segundo lugar, a terminologia de Mateus provavelmente se deve à associação do céu como o reino de Deus com o próprio Deus. A proeminência dessa associação em Daniel talvez seja um pano de fundo para isso.

Veja Daniel 2:18 e 19:28, 37, 44, Daniel 4:34, 35, 37, Daniel 5:23, Daniel 12:17. Trata-se de uma figura de linguagem chamada metonímia, provavelmente motivada pela reverência ao nome de Deus na comunidade judaica cristã de Mateus, como em Lucas, capítulo 16, versículos 18 e 21. Geralmente, o reino dos céus se refere à proximidade ou mesmo à presença do governo de Deus nas obras e nos ensinamentos de Jesus, em 3:2, 4:17, 10:7 e em muitas outras passagens. Há momentos, porém, em que se aplica ou descreve claramente o futuro reinado de Jesus na Terra, como em 6:10, 13:38-43, 25:34 e 26:29.

Talvez a melhor maneira de descrever a natureza dinâmica do reino de Deus seja dizer que ele foi inaugurado na primeira vinda de Jesus e será consumado quando ele retornar. Mateus caracteriza a pregação de Jesus, João e dos apóstolos como centrada no reino, 3 :2, 4:17, 10:7. Referências à experiência presente do reino emolduram as Bem-Aventuranças, 5:3 e 5:10, que, de outra forma, falam de bênçãos futuras do reino. Muitas outras referências ao reino são encontradas no Evangelho de Mateus, e se você obtiver uma concordância, será recompensado por esse tipo de estudo.

O próximo tema-chave em Mateus é o conflito, e, devido à falta de tempo, não podemos desenvolvê-lo em profundidade. No entanto, observe que, mesmo no início, quando Jesus ainda era criança, Herodes estava em seu encalço no capítulo 2. Enquanto João Batista exercia seu ministério, havia muitos conflitos entre ele e os líderes judeus. O mesmo acontece com Jesus, culminando nas terríveis denúncias do capítulo 23.

A ênfase de Mateus neste conflito entre Jesus e os líderes judeus envolve e incita o antissemitismo? Não há dúvida de que cristãos antissemitas usaram Mateus para promover uma agenda antissemita, mas esse certamente não era o propósito de Mateus. Muito provavelmente, Mateus era judeu e estava escrevendo para judeus que acreditavam que Jesus era o Messias judeu. Esses judeus cristãos estavam evidentemente em um conflito religioso acirrado com judeus não cristãos, mas conflitos sectários eram comuns durante a época do judaísmo do Segundo Templo.

Sem dúvida, a agenda de Mateus era refutar o judaísmo não cristão do establishment judaico, independentemente de Mateus ser colocado antes ou depois da destruição de Jerusalém em 70 d.C. Mas a situação é uma disputa religiosa entre judeus, não uma polêmica gentia contra a raça judaica. Os cristãos devem reconhecer com vergonha o fato de que Mateus foi mal utilizado por antissemitas, mas é anacrônico interpretar Mateus como uma polêmica gentia cristã contra os judeus.

Finalmente, para concluir a fita, a igreja e a missão mundial aos gentios. O Evangelho de Mateus, que muitas vezes é descrito como o mais judaico dos Evangelhos, é o único evangelho a usar a palavra igreja para a comunidade dos discípulos de Jesus. Desde o início, Mateus deixa claro que a comunidade dos discípulos de Jesus é formada por fontes inesperadas, como Tamar, Raabe, Rute e Bate-Seba no capítulo 1, os magos no capítulo 2, o oficial romano no capítulo 8, a mulher cananeia no capítulo 15 e o soldado romano no capítulo 27.

Todos esses episódios da narrativa, em conjunto, influenciam os leitores judeus originais de Mateus a expandir sua visão do povo de Deus. Não se trata de abandonar seus companheiros judeus, mas de levar a mensagem do Reino a todas as nações. A comissão final de Jesus aos seus discípulos se baseia em seu status agora exaltado.

Tendo recebido todo o poder, Ele envia os onze às nações para fazer discípulos de todos os que obedecerem aos Seus mandamentos, e os arma com a promessa de que estará com eles todos os dias, até o fim dos tempos. O alcance universal dessa comissão é assustador, mas pode ser alcançado se os discípulos se lembrarem de que seu Messias, assim como o Filho do Homem vitorioso em Daniel 7, recebeu autoridade universal. À medida que completam a árdua tarefa de ensinar os futuros discípulos a obedecer a todos os mandamentos de Jesus, Ele estará constantemente com eles até o fim.